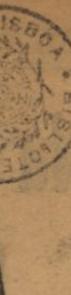


Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica à segundas-feiras — Não se devolvem os originais — Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VIII — N.º 2243

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Os deportados e a moral dos que deportam

Da Guiné escrevem-nos alguns deportados comunicando-nos a insensata ideia que teve Joaquim Antônio Pereira, deportado também, em pedir ao governo da metrópole a realização do seu julgamento naquela colónia. Os que nos prestam esta informação, os restantes deportados, pretendem por nosso intermédio fazer constar que discordam do estranho pedido do seu companheiro e desejam ser julgados, sim, mas em Lisboa, em tribunais regulares, regalia a que têm direito como qualquer cidadão português.

Em Portugal, porém, só o árbitro vinga. As leis são bonitas, os principios exarados na Constituição sedutores, as palavras dos oradores republicanos prometedoras. Mas tudo isso é espuma, é doce canção para embalar seis milhões de iludidos. Rasgam-se as leis, fecham-se os tribunais e executa-se sumariamente os acusados, sem curar primeiro de apurar as suas responsabilidades.

Acusaram-se várias criaturas de pertencerm à chamada Legião Vermelha. Uns, foram mortos a tiro, com a alegação de fugas que, afinal, não se realizaram, outros foram arremessados, sem mais explicações, para a Guiné e Cabo Verde, outros ainda, aguardam sem esperança, no Forte de Monsanto, um hipotético julgamento.

Miséria escarneida

Noticiaram alguns jornais a chegada a Lisboa, a bordo do paquete brasileiro Rui Barbosa, na passada segunda feira, de uma tribo de hungares, em situação assás miserável.

São 38 pessoas, homens, mulheres e crianças que no Brasil foram vigaristas por um engajador que lhes prometeu bilhetes para Hamburgo, cobrando-lhes as respectivas importâncias, mas fornecendo-lhos só até Lisboa.

Essa gente, completamente desafrada, não tem merecido, quer do consul do seu país, quer das autoridades portuguesas a mais tenua sombra de consideração.

No Governo Civil, um dos secretários do governador recebeu-os escarninhamente, rindo-se do alto da sua superioridade da miséria atrás dos imprentados. O consul da Hungria—os srs. consules!—apresentou mil e uma evasivas e terminou por voltar costas àqueles desgraçados seus conterrâneos.

Só o agente dumha companhia transatlântica italiana se sensibilizou, arranjando passagens aos 38 desprotegidos, com um desconto rascavalo. Persegue-os, porém a má sorte. Os seus andrajos, os seus rostos esquelidos de famélicos denunciaram a sua penuria de modo que, quando embarcavam com destino à Itália, no vapor «Giuseppe Verdi» maldizendo, talvez, este país que blasona de hospitalero, o comandante do barco, coração empedernido, mais rígido do que as leis italianas, embargou-lhes o embarque, alegando que na pátria de Mussolini só pode desembarcar quem leve dinheiro.

E agora para afi ficam êsses 38 desgraçados, andrajosos, sem alimento e sem lar, à mercê não sabemos—nem eles sabem—de quê.

No entretanto o sr. governador civil continuará a aureolar-se com a fama de caritativo e promotor de festas onde a miséria é afrontada, e o conspicuo consul hungaro, talvez prepare para a colónia hungara, bem comida e bem vestida, com grande munificência, um châ dancing de caridade... sem ter a ensombrecer-lhe a fronte a visão desses homens, dessas mulheres e dessas crianças, que começaram por ser vigaristas no Brasil e terminaram por se verem achincalhados em Portugal — pais que blasfemam de hospitalero.

Caridade... filantropia... que repugnam!

A Guerra Civil na China

As esperanças dos anti-bolchevistas

PEQUIM, 25.—Os generais anti-bolchevistas estão consolidando as suas posições àquem de Tien-Tsin, e avançam sobre Pequim por três lados.—(I.).

Os projectos dos bolchevistas

PEQUIM, 25.—Os comandantes das tropas do general Feng, que retiraram sóbre Pequim, estão reorganizando as suas forças dispostos a defender Pequim de cair na posse do marechal Tchang-Tso-Lin.—(I.).

Comité Pró-Prépos

Refine hoje, às 20 horas, sendo indispensável a comparecência de todos os compõentes.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

DIÁRIO DA MANHÃ

ANGOLA E METRÓPOLE

As investigações emperraram porque não há coragem para dizer a verdade toda. Mas nós dizemo-la!

O caso do Angola e Metrópole está na fase do empate. As investigações marcam passo porque não podem ir mais longe. Não conhecemos o volumoso processo mas, pela maneira como o sr. Alves Ferreira se tem exprimido, quer pelas já saudosas notas oficiais, quer por simples entrevistas ou pequenas informações aos jornais, é de ver uma deliciosa trapalhada. É certamente essa trapalhada que traz atrapalhada a investigação.

onde não há razão, há violência.

Violência foi aquela interminável incomunicabilidade dos arguidos; violência é o que se está fazendo ainda a Alves dos Reis, espiando-lhe, a-pesar-de levantada a incomunicabilidade, todos os gestos, escutando-lhe as conversas que mantém com as pessoas que o visitam. Violência tem sido a apreensão da correspondência do dr. Cunha e Costa, advogado dum dos réus. Violência tem sido o vexame a que têm sujeitado a esposa de Alves dos Reis, como se a família dos presos tivesse culpa dos possíveis delitos por elas praticados.

Estas violências são tão significativas, vêm animadas de propósitos tão desonestos que nos obrigaam a ser aparentemente solidários com os presos quando, afinal, nos limitámos simplesmente a levantar o nosso protesto contra uma injustiça sem olhar à qualidade dos atingidos. A injustiça é sempre injustiça, quer fira um inocente, quer fira um criminoso.

As investigações estavam emperradas porque, se vão mais longe, comprometem a política, comprometem a finança, comprometem os próprios investigadores... que se comprometeram a não descobrir a verdade inteira.

A falácia da campanha do "Século"

Bem se empenha o Século em apresentar como grandes burlões os homens do Angola e Metrópole. Não é, como temos acordado, um intuito de moralidade que anima aquele jornal. Tal atitude só lhe tem criado antipatias nos meios coloniais, onde tanto a gente sabe que a campanha do chamado órgão das forças vivas, visa a defesa do Banco Ultramarino e de Alfredo da Silva. Quem privou de perto com Alves Reis e tem interesses em Angola diz, já tem temor de que lhe chameiam burlão, que só o Angola e Metrópole poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia.

O Banco Ultramarino, odiado pelo comércio, pela indústria e pela agricultura coloniais, porém, inutilizando com a sua campanha no Século o Angola e Metrópole, lançou novamente à garganta das colónias o nó corrido, que se vai apertando até ao estrangulamento.

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Éram falsas as notas com que se ia fazer esse financiamento de Angola do qual resultaria o desenvolvimento considerável das riquezas naturais e industriais? Era! Mas, dizem ainda os coloniais que não se deixaram obsecar pela campanha delirante e violenta do Século, essas notas falsas ao cabo de pouco tempo—desde que Angola fosse atravessada por caminhos de ferro regulares, as minas estivessem em plena actividade e o imposto—pelo Alto Comissário, sem preâmbulo, poderia, com os financiamentos que principiaria a realizar e aqueles que já tinha entre mãos, salvar aquela colónia?

Uma fábrica de tecidos em Alcobaça transformada numa autêntica roça

ALCOBAÇA, 25.—Excedeu tudo o que esperávamos o interesse pela leitura do artigo publicado no nosso jornal, referente à feudal exploração de que tem sido vítima o operário da fábrica de fiação e tecidos desta terra.

E em vista do operário não ter ficado satisfeito com o pouco que dissemos, resolvemos ocupar-nos dumas personagens que do Pórtico vieram encatados para a fábrica, pois é crença geral que se desinavam a algum jardim zoológico...

O «sobr» Azevedo é um tirano dos mais estúpidos. As suas proezas não têm conto.

Dá no capricho a esta criatura obrigar os operários a trabalhar nos dias em que lhes são aplicadas as multas.

Há pouco tempo aplicou a um operário 15 dias de suspensão. O operário foi ter com o sr. Fernando de Sá, director da fábrica, pedindo-lhe que fosse francada a pena.

Prometeu o sr. Sá ir junto do «sobr» para que tal pena não prosseguisse.

Passaram-se 2 dias sem que o atribulado operário fosse reintegrado no seu lugar. Em vista disso foi novamente ter com o sr. Sá, manifestando-lhe o seu pesar pelo motivo do seu pedido não ter sido deferido.

Ficou o Sá muito surpreendido por não ter sido atendida a pretensão do operário, pois já tinha falado com o sr. Azevedo, prometendo de novamente ir junto dele para que terminasse com tal penalidade.

Pois querer saber qual foi a resposta que o tirano Azevedo deu ao seu director:

— Os 15 dias de suspensão ainda não terminaram. Só depois de cumpridos é que se poderá começar a trabalhar, pois foram estas as ordens que recebei no Pórtico; portanto têm que ser cumpridas.

Surpreende-nos imenso que, sendo o sr. Sá um superior do tirano Azevedo, por tão repelente criatura fosse desautorizado...

Há dias um operário ofereceu ao Azevedo uns Lombinhos de porco, e em sinal de agradecimento apiscou ao ofertante um dia de multa.

Mas que grande pandeço nos saiu este sr. Cândido que aprofoga a todos os ventos que é bolchevista!

E que nos faz ralar a môleira é termos a certeza de que o sr. Sá sabe perfeitamente que ele se manifesta... e não o castiga: Porquê?

O entendimento entre ambos, está bem de vêr.

O sr. Fernando de Sá sente, e não escorre, o seu rancor ao orgão do proletariado *A Batalha*, motivo por que precisa dum homem sem escrúpulos e baixo de sentimentos para poder obter as informações sobre os operários que manifestam ideias avançadas.

Este sr. Cândido é mestre de tintureiro, de engomador e de urdeiro, sem que coñeça os trabalhos que dirige.

Não nos admira que o sr. Cândido disfrute uma posição tão elevada, sendo, como é, um opressor de operários, com todos os requintes de malvadez, pois tem a proteção do mestre geral — um tal Américo Gonçalves.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limitada — R. dos Reatores, 125 — LISBOA.

A venda na administração de «A Batalha».

Os ferroviários franceses protestam vigorosamente contra as suas más condições económicas

METZ, 25.—No passado domingo, os ferroviários da Alsácia-Lorena tentaram uma manifestação de protesto nas ruas da cidade. O prefeito havia proibido a manifestação, mas os ferroviários reuniram-se em três cafés. Aí saíram dum café, os manifestantes quiseram formar um cortejo, intervir了一 uma força de cavalaria que fez barragens nas ruas dos bairros vizinhos onde se encontravam os referidos cafés. Os manifestantes dispersos, alitaram depois para suas casas em construção, onde se refugiaram e lançaram pedras sobre a tropa, ficando feridos dois soldados. Numerosos ferroviários foram presos.

BOULOGNE-SUR-MER, 25.—Os ferroviários dessa cidade e arredores efectuaram há dias uma reunião de protesto contra os novos impostos e carestia da vida. Numerosos ferroviários de Boulogne, Lille, Hesbrouck e Calais desfilaram através das ruas, tendo-se detido num jardim público e improvisado um comício de protesto. A manifestação dispersou-se em baixa ordem, não tendo havido menor incidente.

LILLE, 25.—Um numeroso grupo de ferroviários manifestaram-se no domingo último em Valenciennes, reclamando aumento de salários. Em seguida, percorreram as principais ruas da cidade, indo uma comissão à sub-prefeitura apresentar as reclamações. Não houve incidentes.—H.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de *A Batalha*. Aquela camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

TIVOLI

Telef. N. 5474

A'S 8 314

UMA REVISTA MUNDIAL
UM DOCUMENTÁRIO DE ARTE
DUAS CINE-FARÇAS

MARY PICKFORD

A mais célebre das estrelas americanas numa das suas melhores produções

O PEQUENO LORD

Neste filme a notável star desempenha dois papéis, sendo um em «Travesti»

O Pequeno Lord começa a exibir-se as 21 horas e 40 minutos

Na Penitenciária de Coimbra

Uma lenda que os próprios arrematantes se encarregam de destruir

Em «O Despertar», de Coimbra, de 30 de Janeiro p. p., publicaram os arrematantes das oficinas de mobiliário da Penitenciária de Coimbra, uma carta em resposta a dois artigos publicados no mesmo jornal, pelo distinto artista sr. António Augusto Gonçalves, nos quais este senhor expõe a exploração, de que lhe constava serem vítimas os presos daquela cadeia, «sem pretender conspurcar a alvura virginal da consciência dos felizes arrematantes do seu escravizado, à sombra dos grossos muros da Bastilha». Nessa carta, em que os arrematantes nos acusam de «os aponham ao ódio das multidões «arrepiados», alega-se que as oficinas de funileiro, alfaiate, carpinteiro, maleiro, escoviere, sapateiro, encadernação, tipografia, etc., têm sido sucessivamente abandonadas em curto espaço de tempo pelos arrematantes, o que desfaz a lenda dos empresários gananciosos, etc. Ora entendamo-nos: Na visita que fizemos à Penitenciária, vimos todas as oficinas apontadas pelos arrematantes, à exceção das de alfaiate, encadernação e tipografia, que não nos foram mostradas, em plena laboração. Logo, elas funcionam por conta de alguém e a sua produção não era muito pouca. De alguém, que é «alugador a baixo preço dos trabalhos forçados». A oficina de encadernador tinha um mestre que já dissemos como ele foi demitido. É claro que, constando cá fora o procedimento havido para com ele, que não haverá muita vontade de ir para lá. E permitam-nos os srs. Miranda & C. uma pregunta: Se o director em vez de tantas «cancelas dedicassas e constantes» para arranjar arrematantes, dividisse os presos por todas as oficinas sem protecionismo, não seria um princípio de solução?

Afirmam os arrematantes que mesmo com os salários reduzidos (\$50, 1500 e 1550) os presos dão prejuízo ao Estado na exploração directa. Esta afirmação só com sentido especulativo, pode ser feita. Mete-se na cabeça de alguém que um recuso por muito pouco que faça, não produza trabalho no valor de \$1500? Ora os srs. Miranda Ltd.!, Os desgraçados presos é que pagam o que os tubarões levam!

Dimem ainda os mesmos senhores, que pagam aos presos além dos salários legais, gratificações mensais, em média de mais de \$1000.

Referem-se à consideração que à população merecem os trabalhadores da imprensa no país vizinho e à sua Associação, que está neste momento a construir uma sede monumental, para o que realizou um grande prelório público.

Revela em seguida vários detalhes técnicos do profissionalismo em Espanha afirmando que a entrevista, que entre nós ainda é muito usual, lá passou de moda, entrevistando-se hoje apenas as personalidades de contestável valor.

Ferreira de Castro termina por referir-se à situação do jornalismo espanhol sob a censura militar e defende, em nome da mentalidade contemporânea, a liberdade de pensamento.

«Nisso, apenas nisso, os nossos camaradas de Espanha estão piores do que nós — do que nós que estamos muito mal».

Ao terminar, Ferreira de Castro, propôz que a Direcção do Sindicato enviasse um telegrama de saudação à sua congénere de Madrid, transmitindo-lhe as homenagens dos jornalistas portugueses aos seus confrades espanhóis. Esse voto foi aprovado por aclamação aplaudindo a assistência de pé e demoradamente a ideia do distinto conferencista que participou também dos caros aplausos.

A próxima conferência realiza-se na quinta-feira, 1 de Abril, sendo orador o nosso preso colega Augusto Pinto, secretário geral do Sindicato que tendo regressado de Genebra falará sobre «O Jornalismo e a Sociedade das Nações».

Fogos fatuos! como diz o sr. A. G. E' então só com o mobiliário do Pórtico que os senhores abriram uma loja na rua do Quebra Costas? Que alugaram um 1º andar para armazém na mesma rua n.º 33? Este armazém é o tal a que os senhores negam existência. Mas nos vímos-lo. E souberam que têm andado a retirar de lá obra de noite. Que foram oferecer 600\$00 de renda ao senhorio pelos andares de cima, quando os actuais inquilinos pagam 150\$00. Que ofereceram a incomparável quantia de 3.000\$00 aos restantes inquilinos para saírem. Que é o capitalista José Paulo, que também é sócio da firma, quem tem andado a tratar desta tramoa. Que vendo que nada têm conseguido pretendem fazer sair os inquilinos judicialmente. Falta um armazém para a conta dos 3 que os operários afirmaram existir, e que os senhores negaram. Quem visitar a Penitenciária, lá encontra o 3º armazém. E' uma vasta sala atapetada de moveis. Pode não ser um arcaísmo e ser muito incoerente uma recadação...

Por todo isto se prova que o trabalho dos presos dá para bastante. O trabalho feito nas oficinas da Penitenciária afecta fatalmente a indústria particular, atenta a enorme diferença da mão de obra, isenção de impostos, etc. Isto é claro como as águas do Mondego. E ainda resta ver se é verdadeira a informação que nos acaba de chegar, segundo a qual os arrematantes têm, não sabemos ao abrigo de que disposição, um desconto de 10% nas arrematações de madeiras das matas do Estado.

Manuel Nunes

TEATRO AVENIDA

O SENSACIONAL

PÃO DE LÓ

VIDA DE CRISTO

HOJE — HOJE

Protagonista: No Teatro do Gimnásio

Palmira Bastos

Em papeis de destaque: Gil Ferreira

Original de ALFREDO SAVOIR, tradução de JOSÉ SARMENTO

Scenários de Luis & Almeida — «Maquecos» de L. Barros — Montagem de S. D.

CONFERÊNCIAS

A actual situação do jornalismo em Espanha

No sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou ontem o nosso presidente, Vítorio Gui, a sua conferência sobre «A actual situação do jornalismo em Espanha».

A conferência foi largamente concorrida não só por jornalistas, como por numerosos elementos da colónia espanhola, vendendo-se entre a assistência muitas senhoras.

Ferreira de Castro principiou em referir-se à falta de especialização que existe no jornalismo português e ao lamentar isto por em confronto a nossa situação com a de Espanha, onde os jornalistas, na sua maioria, já se especializaram. «As clínicas gerais só podem ter a função de distribuir serviços, tal como essas agendas que existem nos jornais...» Evoca os grandes artísticos e ensaiistas do país vizinho, Grand Montagne, Ramiro de Maeztu, Gomes Baquer, Camilo, Fernández Flórez, Azorin, Camba, Peres d'Ayla, Zoznia, Belo, Gaseta, etc., e mara, depois, como são feitos os jornais espanhóis. Salienta o sentido cultural que caracteriza o jornalismo no país vizinho, demonstrando a inutilidade que esta orientação exerce no espírito do povo, levando-o assim a interessar-se pelos grandes problemas mentais e por todas as manifestações artísticas. «Esta tendência tão caracterizadamente intelectual do jornalismo para o estudo cultural, é hoje mais forte em Espanha do que em qualquer outro país da Europa.»

Fala depois do regime de colaborações, que lá se torna útil aos trabalhadores da imprensa, ao contrário do que sucede entre nós, e a propósito narrar alguns episódios ocorridos entre ele e os seus amigos de Espanha.

Sempre confrontando a situação dos nossos jornalistas com a dos espanhóis, Ferreira de Castro fala da importância do jornalismo sul-americano e do seu prestígio em Espanha, onde são disputadas as colaborações daqueles jornais.

Reverte-se à consideração que à população merecem os trabalhadores da imprensa no país vizinho e à sua Associação, que está neste momento a construir uma sede monumental, para o que realizou um grande prelório público.

Revela em seguida vários detalhes técnicos do profissionalismo em Espanha afirmando que a entrevista, que entre nós ainda é muito usual, lá passou de moda, entrevistando-se hoje apenas as personalidades de contestável valor.

Ferreira de Castro termina por referir-se à situação do jornalismo espanhol sob a censura militar e defende, em nome da mentalidade contemporânea, a liberdade de pensamento.

«Nisso, apenas nisso, os nossos camaradas de Espanha estão piores do que nós — do que nós que estamos muito mal.»

Ao terminar, Ferreira de Castro, propôz que a Direcção do Sindicato enviasse um telegrama de saudação à sua congénere de Madrid, transmitindo-lhe as homenagens dos jornalistas portugueses aos seus confrades espanhóis. Esse voto foi aprovado por aclamação aplaudindo a assistência de pé e demoradamente a ideia do distinto conferencista que participou também dos caros aplausos.

A próxima conferência realiza-se na quinta-feira, 1 de Abril, sendo orador o nosso preso colega Augusto Pinto, secretário geral do Sindicato que tendo regressado de Genebra falará sobre «O Jornalismo e a Sociedade das Nações».

Fogos fatuos! como diz o sr. A. G. E' então só com o mobiliário do Pórtico que os senhores abriram uma loja na rua do Quebra Costas? Que alugaram um 1º andar para armazém na mesma rua n.º 33? Este armazém é o tal a que os senhores negam existência. Mas nos vímos-lo. E souberam que têm andado a retirar de lá obra de noite. Que foram oferecer 600\$00 de renda ao senhorio pelos andares de cima, quando os actuais inquilinos pagam 150\$00. Que ofereceram a incomparável quantia de 3.000\$00 aos restantes inquilinos para saírem. Que é o capitalista José Paulo, que também é sócio da firma, quem tem andado a tratar desta tramoa. Que vendo que nada têm conseguido pretendem fazer sair os inquilinos judicialmente. Falta um armazém para a conta dos 3 que os operários afirmaram existir, e que os senhores negaram. Quem visitar a Penitenciária, lá encontra o 3º armazém. E' uma vasta sala atapetada de moveis. Pode não ser um arcaísmo e ser muito incoerente uma recadação...

Por todo isto se prova que o trabalho dos presos dá para bastante. O trabalho feito nas oficinas da Penitenciária afecta fatalmente a indústria particular, atenta a enorme diferença da mão de obra, isenção de impostos, etc. Isto é claro como as águas do Mondego. E ainda resta ver se é verdadeira a informação que nos acaba de chegar, segundo a qual os arrematantes têm, não sabemos ao abrigo de que disposição, um desconto de 10% nas arrematações de madeiras das matas do Estado.

Manuel Nunes

OS QUE MORREM

D. Maria de Jesus

Faleceu ontem de manhã, a sr. D. Maria de Jesus, esposa do maquinista da Companhia Estoril e mãe do também maquinista da C. P. Silvano dos Santos, de José dos Santos, electricista e das sr. D. Clotilde Simões, Josefa Floret, e Deolinda de Jesus, saindo o seu funeral hoje, pelas 15.30 horas, da rua Maria Pia, 90, 1º, para o cemitério da Ajuda, sendo o acompanhamento a pé.

Teatro Maria Vitória

HOJE — SEXTA-FEIRA

EM DUAS SESSÕES

às 8.15 e 10.15 da noite

RÉCITAS DE DESPEDIDA

DA ACTRIZ LURRA COSTA</p

CARTA DO PORTO

Ainda a questão do relógio "monumental" da Sé

PORTO, 24.—Fomos informados de que a nossa simples objurgatória sobre o «monumental» relógio que, por iniciativa dos radicais da junta da Sé, tencionam alcancar na catedralica torre, foi alvo dum curioso.

Os ferrenhos partidários do citado relógio de carrilhão soante, estranharam a nossa franca atitude demolidora dos desejos da junta, não pelo que ela possa ter de iconoclasta, mas sobretudo pelo facto de, sendo filhotes da freguesia, não dedicarmos todo o nosso sentimentalismo a uma questão de verdadeiro católico—bairrismo.

Devíamos, também, ser bairristas—bairristas de alma e coração, bairristas até à medula. Além disso, afirmam os nossos contrários, trata-se igualmente de encravar um reconhecido monumento nacional...

Em primeiro lugar, devemos esta explicação indispensável: a de que toda a pessoa que tenha sentimentos de humanidade e aspirações a mundo melhor, onde essa mesma humanidade possa viver livre, feliz, fraternalmente, sem esbarrar com ídolos, tiranos, exploradores, chupistas... jamais poderá albergar dentro do seu intimo exclusivas teorias de bairrismos. O bairrismo fomenta rivalidades, ódios, pugnas, por vezes até estúpidas, que excluem todo o sentimento de justiça.

E nós nascemos na Sé, como poderíamos ter nascido em Paranhos, somos portugueses, como poderíamos ser habitantes da Hotentotia... Por isso, defendemos princípios revolucionários latos que advogam radicalmente o bem do povo num sentido geral, nacional-internacionalista...

Mas já que alguém nos observou, penalizado, que não deveríamos, por uma questão de bairrismo, ter censurado a pia iniciativa do relógio da catedral—censurado só pelo facto de nela andarem entusiasticamente envolvidas figuras marcantes do radicalismo político republicano—nós desclarámos-nos então, por hoje, «profundamente bairristas», não no sentido do relógio catedralício, mas pelo seu lado económico, ético, higienico e de estética.

Julgamos que o reivigorimento da raça é a primeira e fundamental condição de uma nacionalidade. Uma população desenvolvida intelectual, física e profissionalmente é o primeiro dos monumentos nacionais. Sem isto, tudo fenece, se amesquinha, se some... no tragédico quadro do sofismamento, da dor, da fome, da doença, da morte...

Não nos parece que seja excelente, maravilhoso, empolgante, que a contemplar a grandiosidade ponteira da carrilhona máquina, deva andar uma multidão de cadáveres animados, de esqueletos humanos ainda com alguns sopros de vida agónica...

Em nome, pois, do nosso «bairrismo», o pestilente bairro da Sé está a exigir uma piramidal barreira, uma formidável limpeza com vassoura de arame—limpeza nas almas, nos espíritos, nos corpos, nos lares, nas casas, nas ruas...

O purulento marasmo das sujas congostras da Sé é uma vergonha horrorosa que não tem o condão de fazer sensibilizar a Câmara Municipal, a-pesar-de estar instalada no antigo Paço Episcopal. O bairro é um toco de pestilências estupendas. As ruelas, as vielas, lamentavelmente viscosas, rasgadas por enormes boqueiros, precisam de ser largamente reparadas. As habitações carecem de luz e de ar. A prostituição aumenta consideravelmente, mercê dos vários factores resultantes dumha sociedade de hipócritas, impostores, parasitas, escravos... A mortandade infantil é avassaladora. O exército dos inválidos, dos tuberculosos, atrofias... Enfim, uma calamidade impossível de descrever!

No entanto, é a uma população tão miserável, tão moribunda, tão descalça, tão desprovida de enxergas—que os «relojoeiros» bairristas andam, como cegos, a pedir uma «esmolinha» para o relógio da veste catedral...

Não seria mais bairrismo pensar primeiro nas tristes condições morais, económicas e sociais dos milhares de moradores dum bairro imundo, malfitico, descalabrado, miserável, horrendo? Não seria mais bairrismo arrazar o Barreiro—este monumento do chiqueiro citadino—e sanear convenientemente essa pobre freguesia da Sé? Despolihada, lavada, arejada, alargada, reformada e com uma população educada, instruída, alimentada vestida e abrigada—a Sé então é que ficaria sendo um autêntico monumento a honrar a cidade, o país, o mundo inteiro... Um monumento de moral, de limpeza, de tranquilidade, de vida, de sa-

AGREMIAÇÕES VARIAS

Junta da freguesia de São José, Esta junta em sua sessão extraordinária resolviu oficial à Câmara Municipal de Lisboa pedindo a reparação de parte dos pavimentos das ruas do Cardal, Alegria, Sé e Telhal, que se encontram bastante danificados e distribuir no dia 4 de Abril esmola aos pobres da sua freguesia, os quais deveriam apresentar os seus requerimentos até ao dia 24, e levantar o seu veemente protesto sobre o fabrico do último tipo de pão, e também protestar energeticamente contra o projecto de lei que reconhece capacidade jurídica à igreja.

Liga Pró-Moral—Comemorando o 9.º aniversário da Liga Pró-Moral se reuniu dia 28 do corrente, no Centro Escolar Alexandre Braga, uma sessão solene, às 15 horas, seguindo de sarau de arte, que será abrilhantado pelo grupo musical «Os Encravados» e vários amadores.

Um sarau de arte na Liga Naval

Amanhã, realiza-se às 21 horas, na Liga Naval, um concerto de piano e canto a favor das crianças pobres da freguesia de São Sebastião da Pedreira. A pianista sr.ª D. Antónia Colaço tocará trechos de Mozart, Chopin, Schumann, Albeniz, Rey Colaço, e Mendelssohn, e a cantora sr.ª D. Fernanda Morais da Camara Reys, far-se-há ouvir em trechos de Mozart, Litzzi, Saint-Saëns, Richard Strauss, Rey Colaço e Granados, acompanhada pelo distinto pianista sr. Jaime Silva.

A marcação de bilhetes efectua-se na véspera e no dia do concerto, no salão da Liga Naval.

Esta festa, cheia de bona arte, está despertando um grande entusiasmo, havendo já pouquíssimos bilhetes nas casas de música Sassetti, Valentim de Carvalho, Neuhardt e Heliódoro de Oliveira.

Uma matinée de arte na "Voz do Operário"

A matinée de arte que a direcção da Sociedade «A Voz do Operário» promove e cujo produto se destina a vestir e calçar todas as crianças das suas escolas que constituem o Orfeão Infantil da Voz do Operário e que estava marcada para o próximo domingo, ficou transferida, por motivos diversos, para o domingo 11 de Abril. Um desses motivos que mais actuou no espírito da comissão foi a necessidade de ter concluído nesse dia o palco, que está sendo construído e que deve ficar em relação com o vasto salão, um dos maiores de Lisboa.

Para esta matinée, além da exibição do Orfeão Infantil, que apresentará novos numeros, nas suas canções alegres e nas suas dansas populares, haverá numeros sensacionais, tendo-se oferecido para tomar parte nela verdadeiras notabilidades artísticas, um dos nossos mais apreciados baritonos, algumas alunas de música e canto, os mais laureados, a troupe «Os Latinos», conhecidos artistas dramáticos e amadores das academias. Pelos numeros que contém, a matinée do dia 11 de Abril no vasto salão da sociedade «A Voz do Operário» está destinada a constituir um verdadeiro sucesso.

Liga dos Amigos dos Hospitais

O Comité Executivo registou mais as seguintes adesões:

Vitor Gonçalves, Ltd., cota mensal, 50\$00; dr. Fernando Waddington, cota semestral, 60\$00; Diogo Firmino & C.ª, cota anual, 30\$00; Amadeu A. ves. Diniz, 30\$00; Carlos Santos, 30\$00; António Vargas da Silva, 30\$00; José Tomás da Silva, cota mensal, 25\$00; Ernesto Ferrão Alves, 25\$00; Julio Martins Pires, 25\$00; Alfredo Gusmão do Amaral, 25\$00; Artur Augusto Machado, 25\$00; Companhia de Seguros A. Continental, cota anual, 100\$00; Sindicato Ferroviário, donativo, 100\$00; Junta de Freguesia de S. Mamede, donativo, 200\$00; Chemical Products, Ltd., donativo de produtos químicos da sua especialidade até a quantia de 500\$, João de Deus Barbosa, 50 exemplares da Agenda Fiscal; D. Maria Luisa, alguns livros, linhas e dedais para os leprosos do hospital do Rêgo.

Colocar um relógio no alto dumha torre encravada numa «cloaca» miasmática é que não tem piada nenhuma...

Mas é por isso mesmo que a Junta insiste no relógio... para que ele conte o tempo que se perde em tantas parvoices...

O resto... não tem importância...

Cebolório...

C. V. S.

de alegria—estética em todos os sentidos...

Colocar um relógio no alto dumha torre encravada numa «cloaca» miasmática é que não tem piada nenhuma...

Mas é por isso mesmo que a Junta insiste no relógio... para que ele conte o tempo que se perde em tantas parvoices...

O resto... não tem importância...

Cebolório...

C. V. S.

da rainha e do cardeal, que eram esperados para breve.

As mulas, em número de mais de sessenta, traziam, umas nas albardas e outras em grandes caixas, uma mobília completa para toda esta gente: tapeçarias, cadeiras, alcatifas, bancos, camas desarmadas, cortinas, colchões, baixela de prata; não faltando também os viveres, vinhos, utensílios de cozinha, e até o gelo, que vinha em sacos de coiro.

Os criados meteram mãos à obra, e, com uma prontidão maravilhosa, guarneceram os aposentos destinados à rainha e ao cardeal, pregando nas paredes ricas tapeçarias guarnecidias de bordados a ouro; depois mobilaram os quartos com os objectos trazidos pelas mulas.

Um quarto, separado do da rainha por um corredor, foi também preparado para receber quatro damas de honor e a respectiva governante.

Os pagens, fidalgos, camaristas, oficiais e escudeiros, deviam acampar, como em tempo de guerra, nas proximidades da abadia, cuja imensa cozinha foi invadida pelo cozinheiro e os seus ajudantes, que fizeram a ceia, enquanto outros criados punham a mesa real no refeitório do convento.

Pouco antes do pôr do sol era anunciada a aproximação da rainha, e logo depois chegava uma guarda avançada, em seguida a qual vinham muitos esquadros de guardas reais a cavalo, escutando a lenteira real, que tinha cortinas de veludo róxo bordado a ouro, e era puxada por duas mulas com arreios também de veludo róxo. Outra lenteira, menos ricamente garnecida, vinha depois, vazia. Era a das damas de honor, a quem a longa viagem tinha fatigado de andar em carro. Elas e a sua governante, vinham montadas em belos cavalos ricamente ajaezados, ostentando as armas da casa de França. Pagens e escudeiros seguiam as damas de honor.

Vinha depois a lenteira do cardeal, com cortinas de tafetá cor de purpura, e ladeada pelos principais oficiais deste príncipe da Igreja.

A BATALHA

MARCO POSTAL

Porto.—Liga das Artes Gráficas.—O índice para o 2.º aniversário do Suplemento ainda não está impresso. Esperamo-lo ter em breves dias.

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6.32
S.	12	19	27	Desaparece às 18.54	
D.	13	20	28	FASES DA LUA	
S.	14	21	29	1. C. dia 29 às 10.00	
T.	2	15	22	2. C. dia 14 às 11.50	
Q.	3	16	23	3. C. dia 24 às 12.00	
	10	17	24	4. C. dia 21 às 12.12	

MARES DE HOJE

Fraijamar às 1.33 e às 1.52

Baixamar às 7.03 e às 7.22

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid cheque	2576	
Paris, cheque...	69	
Suíça, ...	376.5	
Bruxelas cheque	579	
New-York, ...	1055	
Amsterdão	758	
Itália, cheque ...	579	
Brasil, ...	285	
Praga, ...	58.5	
Suécia, cheque	5824	
Austria, cheque	2570	
Berlim,	4567	

ESPECTÁCULOS

Gimnasio.—A's 21.30—«Dança à glória». Politeama.—A's 21.30—«O Seu». Ribeira.—A's 21.30—«O Pão de Ló». Teatro.—A's 21.30—«Martyr do Calvário». Maria Vitoria.—A's 21.30—«Foot Ball». Salão Tejo.—A's 9.15—«Variades». Coliseu.—A's 21.30—«Grande companhia de círcos». Joaquim de Almeida.—«Animatrágico». Cinema. El. Vicente (A. Graca)—«Espetáculos às 3.30». «Sábados e domingos com matinées». Teatro D. Afonso.—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado — Terreiro — Ídolo — Arcos Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume da 400 páginas; 15\$00

Pelo correio 16530.

Pedidos à administração de A Batalha.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Las dos son misas», de Federico Urales.—Preço, 55\$00. Experimento, pois, as nossas duas qns 21. Encontram-se à venda em todos os lojas situadas na Rua das Flores.

MACAS REGISTADAS

UNIÃO TECNICA FERROVIÁRIA, Ltd., fabricante de macas registadas, com a sua marca «Tour». De Lisboa.

GRANDES remessas de peças de ricos estampados, preços: 100\$00, 200\$00, 300\$00, 400\$00, 500\$00, 600\$00, 700\$00, 800\$00, 900\$00, 1000\$00.

GRANDES remessas de peças de ricos estampados, preços: 100\$00, 200\$00, 300\$00, 400\$00, 500\$0

A BATALHA

Relações internacionais

Tese a apresentar ao II Congresso das Juventudes Sindicalistas pela comissão organizadora

I — O internacionalismo

O patriotismo repousa sobre princípios absurdos. A pátria — delimitação artificial dum quilômetro de terra — é a ampliação do princípio egoísta da propriedade, e da sua existência só podem lucrar os que governam ou exploram os povos. — De tal modo o princípio anti-solidário da pátria é absurdo, que o internacionalismo se desenvolve, progride e tende a derruir fronteiras. Os sábios, os técnicos, os literatos, a-pesar do seu apêgo à tradição, do seu reconhecido conservantismo — raras, mas brilhantes — são as exceções — conservam-se hoje ligados internacionalmente e são frequentes os seus congressos internacionais. É os que mais alimentam o fogo sagrado da cegueira patriótica, os capitalistas, são os que mais impudentemente praticam o internacionalismo explorador. Ford, americano, montou uma fábrica de automóveis na Irlanda e Hugo Stinnes fechou, na Áustria, uma fábrica que ali fez abrir para manter as suas posições em face da concorrência.

onde, porém, mais se tem trabalhado no sentido duma efectiva ligação sobre as fronteiras, é entre os trabalhadores. São suficientemente conhecidos esses esforços para, neste rápido trabalho, os detalharmos, bastando-nos citar a velha Associação Internacional dos Trabalhadores para encarnos um dos mais levantados esforços pró-internacionalismo.

Veio a guerra. Desacreditaram-se instituições, surgiram novas. E todas sofreram desse mal: umas do seu descrédito, outras da sua recente fundação. A agravar este estado de coisas, estas têm um começo agitado, cortado de discussões, de desmoronamentos sucessivos que nos fazem imaginar que o mundo procura o seu caminho entre graves hesitações.

Urge a tracemos, com segurança, a nossa rota. Das nossas hesitações, do nosso desmantelamento nacional e internacional só lucram os nossos inimigos. Vamos, pois, organizar os nossos quadros e confiemos na vitória dos mais inteligentes e energicos!

As juventudes surgiram em França. O seu desenvolvimento, em todo o mundo, tem sido desesperadamente lento, sobretudo devido à impiedosa perseguição governamental. Mas, esta perseguição tem-lhe acarretado um prestígio e uma divulgação que lhe asseguram, definitivamente, a vida. E as J. S. alastram: Na Alemanha, na França, na Argentina, na Itália, na China, e, ainda há pouco, na Espanha, elas desenvolvem intensa propaganda, editam jornais, espalham folhetos e lançam-se na acção revolucionária, constituindo a vanguarda do sindicalismo, que parecia caminhar para a petrificação.

Tendo uma existência, de facto, nacionalmente, as J. S., que, internacionalmente, se ligavam em espírito e por rara correspondência, viram-se no caminho das realizações internacionais, graças ao secretariado provisório dos Sindicalistas Revolucionários, que, na origem dos trabalhos do congresso constitutivo da A. I. T., iniciou o problema das relações juvenis internacionais. Esse número não foi discutido. Entretanto, os delegados juvenis franceses e os alemães discutiram entre si o grave problema e, não atingindo um acordo, resolveram publicar os relatórios juvenis presentes no supra-citado Congresso e, da sua análise, extraír as conclusões necessárias. Também no 2º Congresso da A. I. T., foi tratada a existência das J. S.

A ideia está, pois, em marcha. Tódas as centrais juvenis encaram o problema. As juventudes portuguesas, cujo desenvolvimento lhes garante uma apreciável actividade, vão, neste Congresso, marcar o seu critério e iniciar os trabalhos para uma internacional.

Adiante, detalharemos os nossos pontos de vista.

O Congresso compete discutir os com critérios e dar-lhes viabilidade. Deste modo, a nossa definitiva ligação internacional em breve será um facto!

Os vários problemas, cuja solução depende da International

A eclosão do "fascismo" é segundo Roberto Bouzon a consequência da desaceleração do capital; o mal, quanto a nós, o desencadeamento do fascismo provém da decadência do Estado, que se exalta no pretenso de administrar todos os actos da vida pública, sendo, afinal, incapaz de manter o bom funcionamento da sua engrenagem interna.

As lutas sindicalistas, o Estado é, pela sua constituição, coagido a tomar uma atitude neutral; é, embora essa atitude assuma quase sempre, um carácter de parcialidade em favor do patronato, essa parcialidade só é possível pela venalidade da imprensa capitalista e pela educação do povo indiferente — o peso morto — que desculpam e justificam a acção estatal. O Capitalismo não encontra no seu vassalo, o Estado, o aliado destinado para lhe defender os privilégios ameaçados. Daí resulta um envergamento no patronato; irritado pela impotência estatal em face dos conflitos, que finalmente, o próprio Estado desejará ver solucionados com vantagens para aquele.

Dado o poder do ouro, que hoje domina em todos os campos, inclusivamente na consciência humana, não admitem os capitalistas nem as vitórias operárias, nem o alastramento da ideia revolucionária, que, por alheamento dos fenômenos sociológicos, elas atribuem tão somente à propaganda sindicalista. E, para obviar ao inconveniente que resulta da maior ou menor neutralidade estatal, cuja constituição inclui a liberdade de pensar e de reuir.

O capital, que é a força aparente das sociedades modernas, a base de ação movimenta do edifício social, organiza-se em quadrilhas, pratica a violência e nega os mais elementares princípios de liberdade. O Estado mantém-se neutral ante o conflito. A breve trecho, as quadrilhas avoçam-se do

DEPLORAVEL INCONSCIENCIA

Numa fábrica do Porto os operários sujeitam-se, sem um protesto, a toda a espécie de vexames e afrontas

ESTADO, o seu programa entra em imediata execução. E os vencedores declaram, como Mussolini, que a liberdade é um estorvo para o bom funcionamento das sociedades e que só sobre o cadáver da deusa liberdade devem passar as quadrilhas. Esmaga-se o proletariado sob odiosa opressão; todas as suas conquistas são eliminadas, todo o progresso retardado.

Reconhece-se facilmente que esta vitória é de provisório efeito. Mas, a sua duração acarreta entretanto dolorosos prejuízos para o proletariado semelhante de vítimas o caminho da emancipação.

O fascismo vitorioso alastrá. Na Itália a sua vitória vai ao ponto do começo resmungando os seus aliados, a pequena burguesia. Na Baviera, a sua existência é um facto, mas a sua eclosão mais difícil graças à liga que a Itália fornece ao proletariado. Na França, registam-se atentados: começam-se pelo óleo de rincão.

A Lebo, presidente da Associação dos Industriais e Comerciantes franceses, um homem que se não declara realista nem desconfia a importâncias das suas palavras, disse num banquete: «Pode-se esperar que pela ação legal, pela ação parlamentar, se chegue a aligeirar a França destas espécies de carcassa em que ela sufoca e que acaba por lhe custar muito cara, não sómente em despesas diretas, mas por causa das perdas de tempo e de dinheiro que ela impõe aos justicados e aos contribuintes? Não o creio. E se não se decide um dia efectuar em França uma operação análoga à que a Itália acaba de fazer pedindo a um "comité" de salvaguarda que suprima tudo o que nos estorva, nós não nos desembarracaremos jamais».

Não quer isto dizer que eu aspire à ditadura: de modo algum. Creio sómente que essas operações cirúrgicas devem ser feitas por gente decidida a jogar a sua pele, mas em virtude dum mandado regular, como se acaba de passar na Itália, onde o Senado e a Câmara, invocando a sua impotência, preferiram entregar-se a alguns cidadãos devotados ao cuidado de fazerem o que eles reconhecem não ter coragem de fazer.

Isto é: André Lebon proclama abertamente que deve terminar a colaboração com o Estado, a representação nos seus organismos, e varre-o brutalmente para instalar no seu lugar a ditadura burguesa desembargada da máscara democrática.

(Continua)

Contra a extradição de Paulo da Silva

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos, correspondendo ao apelo justo e humano feito pelo comité do Socorro Vermelho, resolveu oficiar ao ministro da Justiça de França, reclamando para que não permita a extradição do camarada Paulo da Silva, homiadido naquele país e últimamente ali preso a pedido das autoridades portuguesas.

Também a Associação dos Encadernadores e Anexos, em assembleia geral ultimamente realizada, apreciando a tentativa de extradição de Paulo da Silva, aprovou a seguinte moção de protesto:

Considerando que o arbitrio faz lei em Portugal, e por esta razão se perseguem homens, cujo delito máximo é pensarem de maneira diferente dos governantes;

que, pelo facto atras apontado, pretende a polícia portuguesa fazer extradição de França, o nosso camarada Paulo da Silva, militante dos Marítimos;

que, o seu homisimo em França deve ser considerado como produto da perseguição que lhe é movida em Portugal, por delito de ideas, e por este motivo abrangido à margem do direito de asilo, que em França se concede aos indivíduos nessa situação,

a assembleia geral dos Operários Encadernadores e Anexos, reunida em 24 de Março de 1926, resolve:

1º protestar junto do sr. ministro de França, contra a extradição de Paulo da Silva, enviando-lhe um telegrama neste sentido;

2º Enviar juntamente, ao dito senhor cônjuge do presente moção, bem como enviá-la à redacção dos principais jornais de Lisboa para conhecimento geral do proletariado;

3º Comunicar esta resolução à F. L. J. no sentido de que a mesma promova, o mais breve possível, uma sessão de protesto, de todas as classes gráficas.

A Secção de Calçadas do Sindicato do Pessoal do Município de Lisboa, depois de apreciar a ameaça que impõe sobre Paulo da Silva, aprovou a seguinte moção:

Considerando que o camarada Paulo da Silva, militante operário português, refugiado na França pelas perseguições da polícia portuguesa, não pode nem deve ser considerado como criminoso comum, à face dos códigos e convenções internacionais, tendo por consequência direito ao asilo que todos os refugiados políticos gozam nos países verdadeiramente democráticos;

que o governo francês, a pedido das autoridades portuguesas, parece estar no propósito de fazer a sua extradição;

A Secção de Calçadas do Sindicato do Pessoal do Município de Lisboa, reunida em assembleia geral, resolve levantar o seu mais veemente protesto contra tão flagrante atentado ao direito das gentes e levar esta resolução ao conhecimento do ministro da França em Lisboa.

Um prémio para o herói!

Há cerca de 15 dias, quando tranquilamente passava pela rua do Alcâmer, o marinheiro Artur dos Santos foi abordado por um polícia da segurança pública que lhe perguntou para onde se dirigia. O interpellado respondeu, mas parece que de forma a não satisfazer o cívico, porque acto contínuo era agredido bárbaramente, e conduzido para a esquadra da travessa das Mercês, como perigoso "legionário". Na referida esquadra o chefe declarou ao Artur dos Santos:

— Você, como já tem a sua conta, pode-se ir embora!

E o agredido retirou-se para ir receber curativo no hospital de uma grave fractura num braço e de um ferimento na bôca. Comentários, que os faça o leitor.

PROTAGONISTAS SINDICALISTAS

Quando se resolve a Justiça a julgar os deportados na metrópole?



PROPAGANDA SINDICAL

Em Cabo Frio

CABO FRIOS, 24.—Realizou-se uma sessão de propaganda sindical na Associação dos Rurais desta localidade. Presidente Manuel Almeida de Carvalho, secretariado por José Aurelio e José Fernandes Catroucho.

O presidente expôs os fins da reunião e diz que é preciso agir com energia no momento em que a reação se prepara para implantar em Portugal o fascismo. A seguir é dada a palavra a José Pedro Veredas, que num rápido discurso faz sentir a todos os assistentes a necessidade dum forte organismo, para fazermos frente aos ataques que a burguesia, directa ou indirectamente, dirige às classes trabalhadoras.

Pedro Alexandre saúda os trabalhadores rurais desta localidade e incita os presentes a preparam-se para resistir a todas as investidas da reação.

Manuel Almeida de Carvalho pronuncia um interessante discurso de propaganda sindicalista, terminando por incitar todos os presentes a abandonar a taberna e a igreja, êsses dois antros da burguesia.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, por entre vivas à C. G. T. e à A. Batalha.

Em Oeiras

Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical na sede do sindicato operário desta terra.

Presidente Eugénio Costa, secretariado por Eduardo Martins e Eugénio Serra.

Falou em primeiro lugar Manuel de Sousa, delegado de Parede; que expôs as demarcações das associações do concelho de Cascais sobre a crise de trabalho e convocou os operários a ingressarem nos sindicatos para assim poderem reagir e forçar os patrões e mestres a abrir trabalhos. A seguir usou da palavra Daniel Francisco, delegado da Federação da Construção Civil, que lamentou que haja camaradas que leiam os jornais burgueses e abandonem a leitura de A Batalha e verdadeiro órgão dos trabalhadores, e atacou largamente os que pretendem que os trabalhadores permaneçam na ignorância. Chegou a hora dos trabalhadores tomarem conta da produção porque o reinado da burguesia já tem os seus dias contados.

Ultimamente aconteceu sair fora das condições desejadas uma peça de pano da Rambla — uma máquina que tem por alto missão multiplicativa fazer de quarenta e uma peça de trinta metros. Todas as peças têm de ser carimbadas no princípio e no fim, se não cai Troia. Ora como aquela supramencionada peça não trouxe numa das pontas o tal carimbo exigido, foi o suficiente para que se publicasse um ukase tendente a obrigar o pessoal a uma rigorosa refeição com o pô das ruas levantado pelo rodar de toda a sorte de veículos, ela clinicamente ordenou que, antes dez minutos do meio dia, os aludidos passageiros fossem abundantemente regados — obrigando, assim, o pessoal a vir comer para a via pública e a mais depressa completar os festejos resultados adquiridos com a exploração do trabalho: a desenvolver a tuberculose com a ingerência da poeira escarrada pelos transeuntes...

O vexame, a afronta, o desprêzo, ainda não enchiham a medida das baixezas impostas pela direcção. Era preciso mais... Ultimamente aconteceu sair fora das condições desejadas uma peça de pano da Rambla — uma máquina que tem por alto missão multiplicativa fazer de quarenta e uma peça de trinta metros. Todas as peças têm de ser carimbadas no princípio e no fim, se não cai Troia. Ora como aquela supramencionada peça não trouxe numa das pontas o tal carimbo exigido, foi o suficiente para que se publicasse um ukase tendente a obrigar o pessoal a uma rigorosa refeição com o pô das ruas levantado pelo rodar de toda a sorte de veículos, ela clinicamente ordenou que, antes dez minutos do meio dia, os aludidos passageiros fossem abundantemente regados — obrigando, assim, o pessoal a vir comer para a via pública e a mais depressa completar os festejos resultados adquiridos com a exploração do trabalho: a desenvolver a tuberculose com a ingerência da poeira escarrada pelos transeuntes...

Por último falou o delegado de Linda-a-Pastora Henrique Pais da Costa que veio confirmar que a crise alastrá por toda a parte. Em seguida encerrou-se a sessão aos vivas à Batalha e à C. G. T. E' justo mencionarmos que esta sessão foi bastante concorrida.

EDUARDO MARTINS, em nome do Sindicato dos Mestres e Aparelhadores das obras do Estado referindo-se às crises de trabalho no estrangeiro, principalmente na Inglaterra, e à questão que os governos empregam para debelar esse terrível mal. Se os operários da indústria se encontram em crise é porque querem. Tem percorrido diversas localidades e citou um caso que se passou no Porto onde havia 3 mil operários sem trabalho e desses só estavam inscritos 600 no sindicato e só 100 que compareceram a uma reunião que bastante os interessaria...

EDUARDO MARTINS, em nome do Sindicato dos Mestres e Aparelhadores das obras do Estado referindo-se às crises de trabalho no estrangeiro, principalmente na Inglaterra, e à questão que os governos empregam para debelar esse terrível mal. Se os operários da indústria se encontram em crise é porque querem. Tem percorrido diversas localidades e citou um caso que se passou no Porto onde havia 3 mil operários sem trabalho e desses só estavam inscritos 600 no sindicato e só 100 que compareceram a uma reunião que bastante os interessaria...

S. U. Mobilário — Reuniu ontem a direcção, tendo dado despacho a vários expedientes entre o qual figuravam: uma circular da C. S. I. que ficou para ser apresentada na próxima assembleia; outra da C. G. T. sobre a coisização para menores e mulheres, resolvendo responder que este sindicato não se opõe a que se estabeleça uma cota menor para menores e mulheres, mas não fará uso dessa concessão; um ofício dos cesteiros de Gonçalo pedindo para chamar a atenção dos cesteiros de Lisboa para o movimento que aquele sindicato iniciou contra a crise de trabalho e trabalho nas prisões; resolvendo convocar a especialidade dos cesteiros a fim de interessar naquelas questões. Um ofício de José Camarinha pedindo a demissão de sindicato visto passar à situação de industrial; foi-lhe concedida. Aprecia-se a situação de José Martins Grilo que passou à situação de empreiteiro de polidor sendo ratificada a eliminação resolvida pela comissão administrativa. Apreciado o funcionamento das várias comissões resolvem-se completamente a fim de intensificar os trabalhos encetados pelo sindicato. Tomaram-se ainda várias resoluções sobre o comité da sede as quais serão presentes à próxima assembleia.

S. U. Mobilário — Reuniu ontem a direcção, tendo dado despacho a vários expedientes entre o qual figuravam: uma circular da C. S. I. que ficou para ser apresentada na próxima assembleia; outra da C. G. T. sobre a coisização para menores e mulheres, resolvendo responder que este sindicato não se opõe a que se estabeleça uma cota menor para menores e mulheres, mas não fará uso dessa concessão; um ofício dos cesteiros de Gonçalo pedindo para chamar a atenção dos cesteiros de Lisboa para o movimento que aquele sindicato iniciou contra a crise de trabalho e trabalho nas prisões; resolvendo convocar a especialidade dos cesteiros a fim de interessar naquelas questões. Um ofício de José Camarinha pedindo a demissão de sindicato visto passar à situação de industrial; foi-lhe concedida. Aprecia-se a situação de José Martins Grilo que passou à situação de empreiteiro de polidor sendo ratificada a eliminação resolvida pela comissão administrativa. Apreciado o funcionamento das várias comissões resolvem-se completamente a fim de intensificar os trabalhos encetados pelo sindicato. Tomaram-se ainda várias resoluções sobre o comité da sede as quais serão presentes à próxima assembleia.

Operários Alfaiates — A direcção na sua reunião efectuada ontem, afeiou e fez baixar à comissão de propaganda, um ofício da C. G. T. que trata do movimento anti-fascista, afeiou também as circulares 55 e 56 da C. G. T. resolvendo, quanto à primeira, "solidarizar-se com todos os protestos contra a iniqua situação em que se encontram os ferroviários de Lourenço Marques, aguardando que a accção compative com a psicologia deste sindicato, a exercer em prol das vitimas do Alto Comissariado de Moçambique, se verifique quando os ferroviários do país, por intermédio da respectiva Federación, tenham também uma accão mais energica", e quanto à outra circular afeiou a baixar a uma proxima assembleia.

Resolvem avisar os componentes da direcção que têm faltado às reuniões, a fim de não protelarem os trabalhos com as suas constantes faltas e convocar a uma reunião junto com esta direcção, a realizar na proxima segunda-feira, as comissões do Congresso da Indústria do Vestuário e de Protagonistas Alfaiates.